manchete

i

03-10-2013

Periodicidade: Diária
Classe: Informacão Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 80000

Temática: Economia
Dimensão: 335
Imagem: S/Cor
Página (s): 8

Draghi desconfia dos sinais positivos da economia da zona euro JOHN SCHULTS/REUTERS

Pronto-socorro do euro prepara nova chuva de dinheiro para a banca

BCE já injectou um bilião de euros em duas operações de crédito num ano. Como não chegou, Mario Draghi admite repetir a receita

ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA
antonio.ferreira@ionline.pt

Cavaco Silva, Passos Coelho, Paulo Portas, Pires de Lima. Todos vêem a economia nacional a sair da recessão e a subir os degraus do crescimento. Uma visão bem diferente têm os responsáveis europeus sobre a economia da zona euro. Mario Draghi anunciou ontem mais uma injecção de dinheiro na banca para responder a um crescimento frágil. E o comissário europeu dos Assuntos Sociais diz que não há margem para complacências e que a recuperação ainda não é sustentável.

TUDO PARA SALVAR O EURO Mais uma vez, o presidente do Banco Central Europeu, Mario Draghi, garantiu ontem em Paris, no final da reunião mensal do Conselho de Governadores, que a instituição está pronta a "usar todos os instrumentos à sua disposição", caso seja necessário, face a um crescimento ainda frágil da zona euro. Depois do anúncio de que a taxa de juro de referência se mantém no mínimo histórico de 0,5%, nível definido em Maio, Draghi adiantou que, entre os instrumentos que o BCE poderá usar, está uma nova linha de crédito de longo prazo. No final de 2012 e início deste ano, através de duas operações, o BCE injectou um bilião de euros no sistema bancário europeu em empréstimos com o prazo de três anos.

NÃO FINANCIEM OS ESTADOS Mas estas brutais injecções de dinheiro nos bancos europeus não chegaram em grande parte às empresas e à economia. E esta semana, Jens Weidman, presidente do Bundesbank, fez um apelo para os bancos não financiarem mais os estados e acabarem com o abraço mortal entre os frágeis balanços dos bancos e as dívidas soberanas. E isto porque os bancos conseguem dinheiro a juros baixos junto do BCE para comprarem dívida dos estados com juros bem mais altos. Escreve Weidmann: "Este risco ter-se-á agravado à medida que se foi tornando um negócio mais atractivo comprar dívida pública (designadamente de países, como Espanha e Itália, em que as taxas de retorno, ou yields, são mais elevadas) para a trocar (como colateral) por empréstimos baratos do BCE. A crise financeira e da dívida soberana revelou a importância de quebrar a ligação desastrosa dívida soberana/bancos, em que balanços frágeis de bancos ameaçam a solvabilidade dos estados e vice-versa. Uma união bancária europeia é um passo importante para escapar desse abraço mortal. Com este fim, uma reavaliação do tratamento regulatório da exposição das instituições financeiras às dívidas soberanas é crucial."

EXAME RIGOROSO À BANCA Nem a propósito, Mario Draghi avisou ontem que a avaliação do BCE à banca europeia terá de ser um exercício rigoroso e que os critérios serão revelados ainda este mês. O presidente do banco central diz que "não espera desastres", mas avisa que um exercício desta natureza só faz sentido se for "exigente e transparente", visto que o objectivo é reduzir a desconfiança quanto à saúde da banca europeia. A avaliação, que será feita em 2014 a milhares de bancos europeus, é o primeiro passo para o Banco Central Europeu passar a ser o grande supervisor da banca da zona euro.